

## Presidente do TST priorizará reforma e o fortalecimento da Justiça do Trabalho

*Por Beatriz Olivon*

Desde que assumiu a presidência do Tribunal Superior do Trabalho (TST), na segunda-feira, o ministro João Batista Brito Pereira, 65 anos, já se reuniu com centrais sindicais e outros magistrados. Considerado discreto e conciliador por profissionais das diversas áreas do direito do trabalho, o ministro afirmou em seu discurso de posse que buscará o fortalecimento da Justiça do Trabalho e apontou como prioridade a reforma trabalhista.

Maranhense de Sucupira do Norte, Brito Pereira disse na posse sempre ter sonhado em se tornar juiz, o que ocorreu em 2000, ao ocupar uma vaga no tribunal por indicação do Ministério Público do Trabalho (quinto constitucional). A primeira passagem pelo TST, porém, ocorreu muito antes, em 1975, como datilógrafo. Deixou o serviço público para exercer a advocacia, carreira que trocou posteriormente pelo de procurador do Ministério Público do Trabalho, em 1988.

A atuação em diversas pontas da Justiça Trabalhista é elogiada no meio jurídico. O advogado Daniel Chiode, do Mattos Engelberg Advogados, afirma que a principal característica do ministro é ser um jurista completo. Segundo o advogado, Brito Pereira passou por experiências relevantes, que permitem uma visão ampla para gerir a Justiça do Trabalho. "Ele é mais negociador. Teremos um tribunal menos tenso", afirma.

A primeira audiência do novo presidente foi com representantes de centrais sindicais. O ministro ouviu reivindicações dos trabalhadores e recebeu memoriais das centrais. Na ocasião, declarou ser aberto ao diálogo com todas as pontas. No dia seguinte, foi a vez de ouvir os juízes. O presidente compareceu a uma reunião na sede da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra) com os presidentes das Associações Regionais de Magistrados do Trabalho (Amatras).

"Para nós foi significativo a primeira agenda dele ter sido com o movimento sindical", diz Antônio Neto, presidente nacional da Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB). Segundo Neto, as centrais sempre são recebidas pelos presidentes do TST, mas não como o primeiro compromisso depois da posse.

# INFORME

Um nome conciliador na presidência do TST é relevante, segundo fontes, nesse momento conturbado pelo qual passa a Justiça do Trabalho. O tribunal superior ainda não se manifestou sobre a reforma trabalhista. Há incertezas especialmente sobre a aplicação do texto no tempo. Muitos juízes já aplicam as novas regras processuais a ações anteriores à reforma. Permitem, por exemplo, a cobrança de honorários de sucumbência dos trabalhadores.

"O ministro Brito vai trabalhar para que a reforma seja aplicada. Não vejo risco de sabotagem da reforma, porque ele prega segurança jurídica e unidade, não unanimidade", afirma Chiode. Já o presidente da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), Guilherme Feliciano, destaca que, no mesmo discurso, o presidente citou que, havendo conflito de lei com a Constituição, a Carta deve ser seguida. Essa é a posição da Anamatra sobre a reforma trabalhista e pode representar uma ponderação ao novo texto com base em princípios fundamentais da Constituição.

"Brito Pereira é contido, procura não se pronunciar nem em um sentido nem em outro", afirma Feliciano. Essa postura facilita que ele seja visto como elemento de pacificação no tribunal superior.

Para a advogada trabalhista Karine Loshiavo, do Peixoto e Cury, o novo presidente tem um perfil que transita muito bem em todas as opiniões. "Não dá para dizer que tem viés mais para um lado ou para o outro", diz. De acordo com Karine, como o ministro não costuma estar à frente em decisões polêmicas, imagina-se que levará com calma a reforma trabalhista no TST.

"O período de interpretação da reforma trabalhista será muito delicado. Os juízes estarão sob muita pressão e precisam de uma liderança que converse com eles", afirma o procurador-geral do trabalho, Ronaldo Curado Fleury. Ele acredita que o ministro Brito Pereira tem perfil para efetivamente liderar e não apenas ocupar a presidência do TST, além de ter tudo para fazer uma administração voltada para o fortalecimento da Justiça do trabalho.

A propagação de posições pessoais era um dos pontos de crítica ao presidente anterior do TST, ministro Ives Gandra Martins Filho. Enquanto o antigo presidente falava abertamente suas opiniões, Brito Pereira é considerado como mais político, por alguns. O ministro não participou, por exemplo, da assinatura de um documento contrário à reforma trabalhista. Na época, dos 27 ministros, 17 endossaram o documento.

(Fonte: Valor Econômico – 02/03/2018)

## Economia do País avança 1% em 2017 e encerra ciclo de 2 anos de recessão

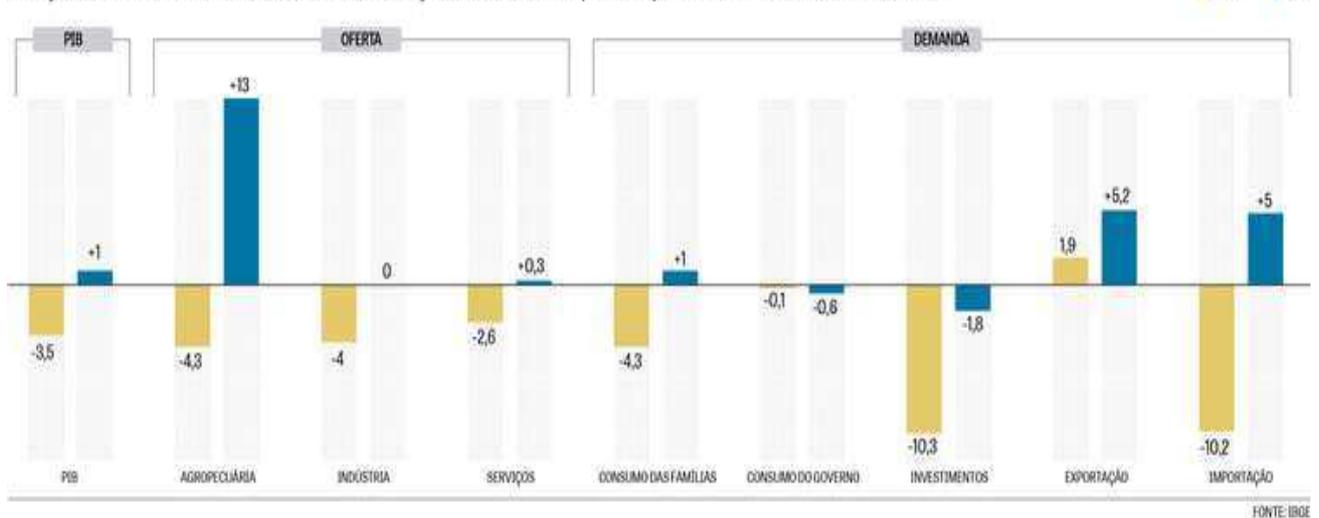
*No entanto, a alta de apenas 0,1% do consumo das famílias acendeu um alerta sobre a capacidade de expansão da demanda neste ano; consultorias e governo esperam PIB de 1,9% a 3% em 2018*

**PAULA SALATI - SÃO PAULO**

A economia brasileira cresceu 1% em 2017, encerrando, desta forma, um ciclo de dois anos de recessão. No entanto, o desempenho do consumo das famílias no quarto trimestre gerou dúvidas sobre o ritmo de expansão da demanda.

### SAÍDA DA CRISE

Variação do Produto Interno Bruto (PIB) de 2017, em relação a 2016, e seus componentes pela ótica da demanda e da oferta ▶ Em %



Nos últimos três meses de 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) avançou 0,1% na comparação com o trimestre imediatamente anterior (na margem), segundo divulgou o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) ontem. A variação ficou abaixo do que a alta de até 0,4% que o mercado vinha esperando.

O economista da 4E Consultoria Thiago Curado avalia que esse comportamento veio na esteira dos “números ruins” do consumo das famílias (+0,1%), pela ótica da demanda, e da atividade dos serviços (+0,2%) e do comércio (+0,3), pelo lado da oferta, na mesma base de comparação.

# INFORME

“Havia uma expectativa de que esses componentes – que puxaram o início da recuperação – ganhassem um pouco mais de fôlego no quarto trimestre. No entanto, eles deram uma patinada, acendendo o sinal amarelo sobre essa fonte de dinamismo”, diz Curado.

No segundo e no terceiro trimestres de 2017, o consumo das famílias, por exemplo, chegou a registrar altas de 1,2% e 1%, respectivamente, estimuladas pela liberação das contas inativas do FGTS e da surpresa desinflacionária, que acabou promovendo um aumento real da renda de 2,3% em 2017. “Com o consumo crescendo apenas 0,1% no quarto trimestre, fica a dúvida se este número reflete apenas uma ‘ressaca’ do período anterior, ou se está sinalizando que a expansão das compras das famílias, neste início de 2018, ocorrerá em ritmo menor do que o mercado vinha projetando”, completa Curado, que prevê avanço de 1,9% para o consumo neste ano, após o indicador ter marcado elevação de 1% em 2017.

O analista da Tendências Consultoria Thiago Xavier afirma, por sua vez, que esperava uma expansão do PIB de 0,4% na margem no quarto trimestre. Segundo ele, a desaceleração da atividade do comércio surpreendeu, ao passar de alta de 1,7% no terceiro trimestre, para um aumento de 0,3%, no último. Contudo, esses dados não sinalizam uma piora nas projeções da Tendências, que espera acréscimo de 3% nas compras das famílias em 2018.

“Eu ainda vejo um cenário benigno para o consumo à frente. Há fatores que estão melhorando a situação financeira das famílias”, diz Xavier, citando o ambiente de inflação controlada, expansão das concessões de crédito para a pessoa física e aumento da ocupação. “Por mais que a geração de vagas esteja sendo impulsionada pela informalidade, isso significa que as pessoas estão obtendo remuneração, processo que eleva a massa de rendimentos”, afirma Xavier. Para o PIB deste ano, a Tendências espera expansão de 2,8%, enquanto a 4E calcula crescimento de 1,9%.

## ***Mercado de trabalho***

O professor de economia da Trevisan Escola de Negócios Walter Franco Lopes comenta, por sua vez, que a dinâmica do mercado de trabalho neste primeiro trimestre irá indicar o ritmo de expansão do PIB. “Se houver um desempenho positivo na geração de vagas e redução do desemprego no início do ano, o empresariado vai começar a tomar crédito para investir”, afirma Lopes.

Segundo Curado, o “sinal amarelo” acendido pela dinâmica do consumo também colocou em dúvida a capacidade de crescimento dos investimentos em 2018, já bastante <sup>4</sup>

# INFORME

minimizada pelas incertezas políticas deste ano eleitoral. Em 2017, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, investimentos) caiu 1,8%, ante 2016, sendo, assim, a quarta queda anual. Para este ano, a 4E espera um crescimento de 6,7% da FBCF, o que, para Curado, está longe de recuperar a retração acumulada de 27,4%.

Já para o pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Claudio Considera, a expansão de 1% do PIB em 2017 foi significativa, contudo, para o País conseguir crescer acima de 3% em 2019, 2020, precisará implementar reformas fiscais.

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, ainda ontem, defendeu que o ritmo de avanço da economia é forte e manteve a projeção de alta de 3,0% para 2018. Questionado sobre o aumento de 0,2% na renda per capita em 2017, ele respondeu que esse indicador tem um processo de defasagem, devido à longa recessão.

## Inicia nova fase do eSocial para as grandes empresas

### **DA REDAÇÃO - SÃO PAULO**

Começou ontem (01/03), a segunda fase de implantação do sistema chamado eSocial. Ao todo, mais de 14,4 mil empresas e 15 milhões de trabalhadores serão incluídas em uma primeira etapa. Nesta fase, os empregadores já deverão incluir no sistema informações relativas aos seus trabalhadores e seus vínculos com as empresas.

O Comitê Gestor do eSocial destaca que a partir de agora o programa passa a contar com os vínculos trabalhistas em sua base e que nas próximas fases deverá dispensar o setor empresarial de diversas obrigações que hoje são exigidas desse público, promovendo um importante ganho de produtividade para o País.

### **Unificação**

Quando totalmente em operação, o sistema representará a substituição de até 15 prestações de informações ao governo – como GFIP, RAIS, CAGED e DIRF – por apenas uma, reduzindo, na prática, custos, processos e o tempo gastos hoje pelo setor produtivo com o cumprimento de obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias com o poder público.

(Fonte: DCI – 02/03/2018)

## País abre 77,8 mil vagas formais em janeiro, melhor resultado desde 2012

**Dados do Ministério do Trabalho que serão divulgados hoje mostram que as contratações superaram as demissões no início de 2018, depois de três anos de resultados negativos em janeiro**

**Idiana Tomazelli, O Estado de S.Paulo**

BRASÍLIA - Depois de três anos seguidos com as demissões superando as contratações em janeiro, o País começou 2018 com geração de vagas formais de trabalho. Segundo dados obtidos pelo *Estadão/Broadcast*, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) de janeiro, que será anunciado hoje pelo Ministério do Trabalho, deve mostrar a criação de 77,8 mil novas vagas, o melhor resultado para o período desde 2012.

Com esse resultado, o saldo do Caged em 12 meses ficou positivo após três anos de fechamento líquido de postos com carteira de trabalho. São 83,5 mil vagas geradas entre fevereiro de 2017 e janeiro deste ano.

Durante a recessão, entre 2015 e 2016, o País eliminou mais de 3,5 milhões de vagas formais. No ano passado, o mercado de trabalho melhorou, mas não escapou de um resultado negativo de 20,8 mil postos fechados.

### Mais contratações

Caged começa o ano registrando expansão no mercado de trabalho formal

#### Saldo de emprego formal

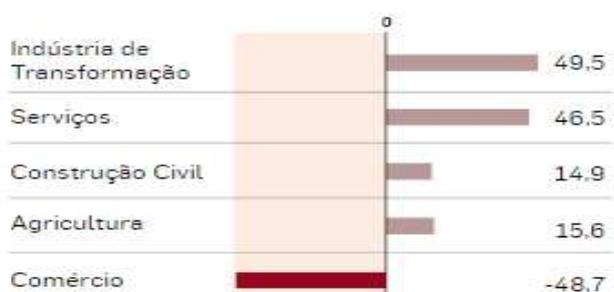
EM MILHARES DE PESSOAS, NOS MESES DE JANEIRO DE CADA ANO



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

#### Os principais setores

EM MILHARES DE VAGAS, SALDO EM JANEIRO/2018



ESTADÃO

# INFORME

Para este ano, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, tem dito que espera uma geração de vagas formais superior a 2 milhões. A melhora do emprego tem ganhado destaque no discurso do governo, depois do engavetamento da reforma da Previdência.

**Setores.** A indústria de transformação e os serviços lideraram as contratações no mês de janeiro. Juntos, esses dois setores abriram 96 mil novos postos de trabalho com carteira assinada no primeiro mês do ano.

A agricultura, que costuma ter admissões nesse período de safra, registrou contratação líquida de 15,6 mil. Boa parte das vagas foi gerada no cultivo de soja.

A construção civil, um dos setores mais devastados pela crise, também começou 2018 com contratações, principalmente no segmento de construção de edifícios. O saldo da atividade ficou positivo em quase 15 mil postos.

O resultado final acabou sendo afetado pelas demissões no comércio que, nesse período, costuma fazer ajustes, após as vendas de fim de ano. A atividade fechou pouco mais de 48 mil postos com carteira.

Do ponto de vista regional, o Estado de São Paulo liderou as contratações, com mais de 20 mil novas vagas. Já o Rio de Janeiro, que vive uma crise na segurança pública e tem a área sob intervenção federal, foi o que mais fechou postos de trabalho com carteira: quase 10 mil.

**Reforma.** As novas modalidades de contratação criadas pela reforma trabalhista também registraram saldo positivo no primeiro mês do ano. Os dados do Caged devem mostrar quase 2,5 mil novas vagas de trabalho intermitente, contrato que permite às empresas chamar os trabalhadores quando e se necessário, pagando apenas pelas horas cumpridas. Esse é o saldo entre admissões e desligamentos.

As contratações seguem concentradas nas atividades de comércio, serviços e construção civil. Desde novembro, quando os efeitos da reforma trabalhista entraram em vigor, esses setores têm liderado o uso das novas modalidades para contratar trabalhadores. Muitos são serventes de obras ou embaladores. Há também garçons, pedreiros e vendedores do comércio.

(Fonte: Estado de SP – 02/03/2018)

7

## FOLHA DE S.PAULO

### **Nenhuma profissão será poupada pela inteligência artificial, diz executivo**

*Diversas empresas pedem um olhar mais vigilante de autoridades públicas*

**Roberto Dias - BARCELONA**

A inteligência artificial criará uma legião de desempregados?

O assunto esteve entre os mais frequentes do Mobile World Congress, principal feira do setor de tecnologia, que se encerrou nesta quinta (1<sup>o</sup>) em Barcelona.

E a resposta à pergunta acima é não, segundo um dos principais executivos de uma das maiores empresas desse campo, a IBM.

“Acreditamos que haverá mais criação do que destruição de empregos com a inteligência artificial”, diz Bob Lorder, responsável pela área de negócios digitais da empresa. Só que há um porém: “Nenhuma profissão do mundo não será atingida.”

A ele faz eco Behshad Behzadi, engenheiro do Google Assistant e um dos principais nomes da empresa nesse front. “É uma oportunidade, não um risco”, afirma.

Ele acredita que haverá mudanças no mercado de trabalho, mas não é possível antever o que serão os novos empregos.

“Antes de existirem os aviões ninguém podia prever que haveria o emprego de comissário de bordo.”

É na caixa de busca do Google, por sinal, que reside uma das faces mais populares da inteligência artificial, tecnologia na qual o processamento computacional reage ao entorno --tentando, por exemplo, antecipar o que a pessoa quer buscar.

“As pessoas digitam: ‘a inteligência artificial vai acabar com meu emprego?’ num campo que é controlado por inteligência artificial”, afirma Marc Lavalley, diretor do Space[X], o laboratório de inovação do jornal “The New York Times”.

“Acho que as pessoas não entendem que cada minuto de sua vida já está influenciado por inteligência artificial”, diz John Carney, vice-presidente sênior da Salesforce.

# INFORME

O conceito em si não é novo. Como lembrou Isabelle Mauro, do Fórum Econômico Mundial, vem dos anos 1950. “Mas só recentemente adquiriu esse 'buzz'”, diz ela.

Para as empresas, essa primavera da inteligência artificial representa grande investimento, mas também uma enorme oportunidade de agregar valor a seus serviços e produtos.

“A monetização [com a inteligência artificial] vai acontecer, cedo ou tarde”, afirma Wanli Min, cientista-chefe de inteligência de máquina da Alibaba, gigante chinesa do varejo.

Na Alibaba, o conceito vem a reboque das necessidades do negócio, não o contrário. “A diretriz é primeiro 'business', depois tecnologia.”

“As tecnologias ainda são muito novas”, diz Angela Shen-Hsieh, diretora da Telefónica responsável pela área de predição do comportamento humano.

“Estamos esperando por uma nova geração de tecnologia que vai atacar coisas muito específicas.”

Do ponto de vista do consumidor, o principal problema é estar às cegas em relação ao que a IA está fazendo com ele.

“Você não pode ativar algo de aprendizado de máquina e não saber como a máquina toma decisões”, diz Lorder, da IBM

Por causa desse risco, vários executivos pedem um olhar mais vigilante de autoridades públicas para o assunto.

“Algum nível de regulação seria apropriado, com normas que evoluam à medida que aprendemos mais sobre a tecnologia”, afirma Mike Sutcliff, presidente da Accenture Digital.

“O mais urgente é educar as pessoas que estão tomando decisões sobre o que significa IA”, diz Behzadi, do Google.

**(Fonte: Folha de SP – 02/03/2018)**